



HISTÓRIAS ORAIS E CONTOS DE TRADIÇÃO: FORMANDO PROFESSORES EM MEIO À COMUNIDADE

SILVA, Veridiane Rosa da¹
MOURA, Alessandro Alencar de²
SOUSA, Francisca Sandra de³
ALVES, Francione Charapa⁴
(Orientadora)

RESUMO

O presente trabalho objetiva refletir sobre as relações existentes entre histórias orais, a identidade cultural e como esses entrelaçamentos podem corroborar com o processo de formação de professores que trabalham com os alunos da comunidade lócus desta pesquisa. A metodologia é qualitativa, cujo método aproxima-se da pesquisa-ação, na qual, trazemos um relato de como foram desenvolvidas as ações e a discussão dos dados que se baseia na análise interpretativa. O embasamento teórico foi realizado a partir dos seguintes autores: Meihy & Holanda (2020), Freire (2021), Rodrigues (2021), Marcuschi, (2000), Abramovich (1998), dentre outros. As histórias orais estão presentes na vida humana desde dos tempos mais primitivos e são transmitidas de uma geração à outra através da oralidade. Elas povoam o imaginário popular e contribuem com a construção da identidade cultural de um grupo. Portanto, nada mais importante do que levar docentes a mergulharem nesse mundo de possibilidades culturais, uma vez que eles estão diretamente ligados ao processo de formação acadêmica e social dos discentes da comunidade investigada.

Palavras chave: Histórias Oraís. Identidade Cultural. Formação de Professores.

INTRODUÇÃO

Quando se fala em histórias orais, comumente a construção de identidade cultural de determinado grupo vem à tona. Sendo assim, o interesse pelas histórias orais de tradição e a construção da identidade cultural de residentes em comunidades rurais surge, via de regra, sob um mesmo viés. No caso deste trabalho, essa relação emergiu da interação vivenciada em um curso de narradores de histórias ministrado pela “Escola de Narradores do Cariri”, em parceria com a Organização Não Governamental “Beatos”, localizada na cidade do Crato-CE. Como lócus para a atual pesquisa, foi escolhida a Vila Compra Fiado, município de Brejo Santo-CE.

¹Mestranda do Curso de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri-URCA, Professora da Secretaria Municipal de Educação de Brejo Santo, Ceará, veridianerosa32@gmail.com

² Mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB; professor da Rede Estadual de Educação do Ceará, CREDE 20; profalemoura@gmail.com

³ Mestranda do Curso de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri-URCA, Professora da Secretaria Municipal de Educação de Brejo Santo, Ceará, profsandrasousa2@gmail.com

⁴ Professora Adjunta da Universidade Federal do Cariri – UFCA; Professora do Curso de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri-URCA, francione.alves@ufca.edu.br



Sempre permeada por muitas histórias compartilhadas nas rodas de conversas dos terreiros das casas pelas pessoas mais velhas da comunidade, através da oralidade, a Vila Compra Fiado cresceu e se desenvolveu submersa no imaginário e nas lutas do seu povo. Participar do curso supracitado e ter a oportunidade de mergulhar nesse universo das narrativas, foi ponto de partida para se perceber toda a riqueza cultural presente na comunidade. Além disso, a força da tradição oral, aliada ao resgate cultural da comunidade, tornou-se fonte de inspiração para entender como essas narrativas orais contribuem com a construção da identidade cultural dos moradores do lugar.

Com o objetivo de refletir sobre as relações existentes entre histórias orais, identidade cultural e como esses entrelaçamentos podem corroborar com o processo de formação de professores que trabalham com os alunos da Vila Compra Fiado, diversas atividades vêm sendo realizadas à sombra dos centenários pés de jatobás desta localidade desde março de 2021, tendo como público alvo os moradores da comunidade e os professores que trabalham com os alunos do lugar. Ações como rodas de histórias, palestras, clube de leitura, recolhas de histórias, contam com a participação de jovens e crianças.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para Meihy & Holanda (2020) “História oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas” (p. 15). Sendo assim, história oral vem a ser uma sequência continuada de vivências, a partir de um ponto procedente, que impacta socioculturalmente a vida dos indivíduos englobados pelos braços da oralidade, como uma entidade de um dado grupo que tanto lhes unifica de maneira identitária quanto norteia suas ações no meio.

Ainda que seja aceito inevitável - que história oral não seja solução para tudo -, sabe-se que ela é, pelo menos, uma janela que deixa ventilar o ar puro do "tempo presente" e que sem ela não se pode pensar a sociedade e os projetos de melhoria da vida coletiva com base em saber rigoroso e comprometido com as experiências de quantos se sentem "não incluídos". (MEIHY & HOLANDA, 2020, p. 108)

Como diria Machado de Assis, há um Brasil oficial e um Brasil real; no contexto da oralidade, as palavras machadianas se aplicam à grande discrepância entre a história que é registrada, a dita oficial, e as histórias da vida comum, transmitidas pela tradição oral. As pessoas cujas histórias são negadas do processo de registro oficial ficam marginalizadas, tendendo a se sentirem excluídas da formação do seu próprio povo, renegadas tão somente às histórias de tradição oral, exclusão que corrobora para a ininterrupção dos dois contextos que Machado descreve. Uma vez sendo a história oral a ferramenta cultural restante para a massiva

maioria da população, ela acaba atuando como um dos mais importantes meios de transmissão de valores, através do qual esses indivíduos minimizados transmitem marcas da sua identidade, como crenças, conhecimentos empíricos, tradições gastronômicas e festejos, para seus descendentes. Por isso, pesquisas como esta ganha grande força, pois, contribui com a formação teórica e prática dos professores, ajuda a melhorar a autoestima das pessoas que fazem parte do lugar e principalmente com a edificação da identidade cultural dos mais jovens impactadas pelo projeto. Sobre isto, Rodrigues (2021) nos diz que:

[...] o conceito de identidade cultural faz alusão à construção identitária de cada indivíduo em seu contexto cultural. Em outras palavras, a identidade cultural está relacionada com a forma como vemos o mundo exterior e como nos posicionamos em relação a ele. Esse processo é contínuo e perpétuo, o que significa que a identidade de um sujeito está sempre sujeita a mudanças. Nesse sentido, a identidade cultural preenche os espaços de mediação entre o mundo “interior” e o mundo “exterior”, entre o mundo pessoal e o mundo público. Nesse processo, ao mesmo tempo que projetamos nossas particularidades sobre o mundo exterior (ações individuais de vontade ou desejo particular), também internalizamos o mundo exterior (normas, valores, língua...). É nessa relação que construímos nossas identidades.

Como se percebe, essa importante percepção de autoconsciência no meio cultural abrange o conjunto de tradições, ritos religiosos, linguagem, ferramentas comunicativas, origem geográfica que são inerentes a um conjunto de pessoas, genericamente do mesmo local físico.

O entendimento de que um estudante de doze anos de idade possui características em comum com um ancião de oitenta, apesar de suas vivências e conhecimentos abissalmente diferentes, unifica esses indivíduos e projeta uma possibilidade de conexão entre eles, uma ponte entre a visão de si próprio de um com as ações sociais do outro, em constante mudança em meio ao turbilhão de instituições passíveis de adaptação que a Sociedade é.

No que compete à figura do educador, principalmente dos que lidam com o Ensino Básico, a oralidade mostra-se como o componente basilar para a formação da identidade cultural dos estudantes. Uma vez que a escola é o segundo meio social a que o indivíduo é sujeito durante sua formação, logo após a instituição da família, as suas diversas regras moldam a criança desde cedo, formando o cidadão que futuramente dará continuidade aos ciclos de conhecimento do seu povo. Isso ocorre já que em se tratando de moral, cada nação, região e até mesmo cidade segue noções comportamentais diferentes, e o papel do professor é passar, além do conhecimento didático, a cultura do seu lugar, algo que acontece inicialmente nas contações de história feitas para os alunos das séries iniciais. Dos contos de fada às canções de ninar, a história oral é trajada de marcas que passam dos docentes para os discentes, dando ou não desenvolvimento ao que foi pregado no lar dessas crianças. Justamente por isso, a educação

deve ser pensada de modo a permitir a liberdade de pensamento sociocultural do estudante, ao invés de um ensino que tolha sua capacidade de expressão no meio. Nesse ponto, inclusive a desenvolvimento dos protagonistas dos contos durante o decorrer da linha narrativa é carregada de uma proeminente capacidade de mudança.

Apesar do poder libertador da linguagem oral, o trabalho com esta não recebe a atenção devida dos formadores, havendo muitas vezes, uma supremacia da língua formal, padronizada, que engessa a individualidade de fala dos alunos, das formas mais sistemáticas e recorrentes. Desde a os primeiros anos na escola, as crianças são ensinadas a limitar suas falas em prol de uma pretensa ordem em sala de aula que proporciona, mais tarde, incapacidade de falar em público em diversos adultos. Observa-se uma extensiva priorização da leitura técnica em detrimento à oralidade, visível nas escolhas de material paradidático e nos assuntos de literatura a serem abordados nos livros de português, o que enclausura a capacidade de expressão dos estudantes.

Ensinados a esperar um momento dito adequado para manifestar suas ideias, sem falar da exclusão de temas inerentes à cultura do seu dia a dia ao entrarem no ambiente escolar, é perdida a habilidade de contar histórias e formular sentenças com naturalidade para comunicar-se nos micromundos em que estão inseridos. Falta, no caso do Nordeste, por exemplo, intervenções com cordel e com repente, que aproximem o ensino amplamente tecnicista do Brasil à realidade dos alunos, um aproveitamento da cultura popular que subtraia da sala de aula o precipício quase sempre existente entre o conhecimento e o indivíduo.

Ainda a respeito da oralidade em sala de aula, Marcuschi considera que a educação deve acompanhar a vida cotidiana dos estudantes, respeitando tanto a oralidade quanto a linguagem escrita:

É evidente que não estou propondo a exclusão da língua escrita. Simplesmente estou propondo que a escola imite a vida: primeiro aprendemos a falar, depois aprendemos a escrever. Que nas reflexões escolares sobre nossa língua, acompanhemos esse ritmo, deixando de lado uma tola supervalorização do escrito sobre o oral. (MARCUSCHI, 2000, p. 67)

Dessa forma, a introdução de atividades que proporcionem interações entre os alunos e um contador de histórias tradicional mostra-se como uma iniciativa de grande relevância, pois viabilizará a união entre os dois polos da língua, oralidade e escrita. Além do que, levar os alunos ao lugar em que a contação é usualmente desenvolvida, nas rodas de história tradicionais, por exemplo, proporciona um fomento mais efetivo da produção do próprio aluno e uma valorização mais intensa da riqueza cultural local.



Desde muito antes do advento da linguagem escrita, ainda no período paleolítico, o ser humano conta histórias, o que pode ser visto nos desenhos feitos nas paredes das cavernas da Serra da Capivara (Piauí) e de Lascaux (França), que representam as esperanças mais profundas daqueles humanos primitivos, breves representações de caças que podem ser consideradas relatos. Apesar da ancestralidade imensurável das histórias como ferramenta de comunicação, há uma defasagem na capacidade comunicativa de incontáveis indivíduos brasileiros, pois, já na base do ensino, as crianças são expostas a um modelo pedagógico unilateral, centrado, muitas vezes, somente no professor (as orientações que norteiam a educação brasileira presentes nos textos oficiais, não conseguem dar conta das mudanças necessárias).

Ao encontro de tal ponto de vista, Negros & Boas (2017), citando Bentes (2011 apud Negros e Boas, p.46-7), reitera que a escola brasileira “parece carecer de reciprocidade, interesse público, emoção, sensibilidade e de uma comunicação mais genuína e racional.” Para tanto, é necessário pensar o processo de formação dos professores através de vivências práticas, proporcionando a estes indivíduos o encontro com suas raízes, consigo mesmo. Sabe-se que a formação de professores no Brasil ainda é um grande problema. Apesar disso, em conjunto a valorização, a formação ainda é a solução mais viável para uma efetiva melhoria do contexto educacional.

A todo momento, histórias são contadas, em todos os dias desde o amanhecer até o momento de dormir novamente. Na maioria das vezes, o fato de contar não é programado, trata-se de uma ação natural, pois é algo inerente ao ser humano, conforme percebe-se em Thompsom (1998, p. 337), “A história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao lhes dar um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas”.

Graças à capacidade que o ser humano possui para transmitir conhecimentos, aprendizagens e as vivências do cotidiano, é que se torna possível conhecer as raízes e saber o seu lugar no mundo. Uma das formas mais antigas de se conhecer uma história é através da oralidade. As histórias que não encontradas escritas em livros e que não estão presentes em outras formas de registros escrito, fazem-se presentes no imaginário das pessoas, só existindo e persistindo por conta da oralidade.

Os narradores de histórias bebem na fonte da tradição oral, tendo em vista que se trata de um conhecimento transmitido verbalmente de uma geração para outra. Graças à oralidade, as tradições das sociedades antigas foram preservadas, através desse ciclo de sucessão cultural. Uma sequência de pontos de partida e de chegada, como diz Freire (2021): “Não há transição que não implique um ponto de partida, um processo e um ponto de chegada. Todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje. De modo que o nosso futuro baseia-se no passado e se

corporifica no presente. Temos de saber o que fomos e o que somos, para saber o que seremos”. (FREIRE, 2021, p. 42)

Os contos da tradição oral são transmitidos pelos mais velhos nas rodas de histórias, pela mãe que conta a história que ouvia de sua avó que afirma ter ouvido da sua bisavó, que ouviu da tataravó e assim por diante. Dessa forma, as histórias vão passando dos progenitores para seus descendentes, de boca em boca, de uma família para outra, ajudando a preservar os costumes, os mitos, as crenças. Comumente não há conhecimento de onde surgiu e quem é o autor. São os famosos contos populares, não se sabe quem escreveu, quem contou pela primeira vez, pois se perdeu no tempo transcorrido, ficando apenas no tempo vivo das memórias de quem ouviu. No Brasil, Luís da Câmara Cascudo e Marco Haurélio Fernandes Farias são exemplos de pesquisadores da cultura brasileira com várias obras lançadas sobre a temática aqui abordada. De acordo com Cascudo (1971), a memória diz respeito à “imaginação do povo, mantida comunicável pela tradição, movimentando as culturas, convergidas para o uso, através do tempo.” (...) “ O povo guarda e defende sua ciência tradicional, secular patrimônio onde há elementos de todas as idades e paragens do mundo”. (CASCUDO, 1971, p. 9 e 29.)

É comum o pensamento que os ancestrais não têm nada a ensinar, que eles fazem parte apenas de um passado longínquo e inexistente. No entanto, eles têm sim e já vem produzindo ensinamentos há muito tempo, não apenas a determinados indivíduos, mas para toda a sociedade. Conhecimentos como práticas religiosas, o uso de plantas medicinais, o cultivo de alimentos, as danças, a pesca, a caça, tudo isso foi passado através da oralidade. Não existem livros que nos expliquem sobre a reza que a bisavó fazia para curar os “maus olhares”... tudo isso está consubstanciado pela tradição oral e seus ensinamentos.

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 04).

Dessa forma, quando o narrador prepara uma história para ser contada oralmente, ele tem a oportunidade de oferecer o seu corpo e a sua voz para que a história faça morada. Quando ele conta, acaba transmitindo através da voz e das suas expressões, tudo aquilo que compõe a paisagem construída no preparo, inclusive aquilo que ficou nas entrelinhas da história. É notável que as constantes transformações ocorridas no cenário mundial, os avanços tecnológicos e a ausência de tempo livre ocasionada pela rotina da vida moderna, vêm tornando a prática de ouvir e contar histórias cada vez menos comum. Acredita-se que a imaginação, característica



tão singular especialmente no período da infância, em sido muito prejudicada no contexto atual. Portanto é necessário suscitar o imaginário que de acordo com as palavras de (ABRAMOVICH, 1998, p.17), “[...] suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões (como as personagens fizeram). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso de conflitos, dos impasses, das soluções que todos nós vivemos e atravessamos”

Sabe-se que, além da escola ser um espaço de formação, também é neste espaço social onde acontece o maior contanto entre as diferenças, sejam elas de cunho religioso, político, cultural, cor, raça, gênero etc. Enfim, as escolas têm o papel de preparar os indivíduos para conviverem em diferentes contextos sociais, ser aprendizes e produtores de novos conhecimentos. No que se refere ao espaço para a oralidade, Marcuschi (1997) afirma ser de fundamental importância o trabalho com a oralidade nas aulas de língua portuguesa.

Autores como Corrêa (2001) e Signorini (2001) também corroboram com a afirmativa de Marcuschi e alertam para a importância de valorizar a oralidade no contexto escolar. Esses autores ressaltam que a fala está presente em diferentes espaços sociais, ocupando na maioria das vezes, papel de destaque nas relações humanas, muito mais que a escrita. Entretanto, nota-se que esse é um assunto frequentemente esquecido pela comunidade escolar, a razão pode estar centrada no foco que é dado às aulas de Língua Materna, focado muitas vezes ainda no ensino da escrita.

Auxiliar os estudantes a ampliarem suas habilidades com a oralidade não é uma prioridade dos profissionais que elaboram os livros didáticos e tão pouco é percebida essa preocupação por parte de alguns professores, os quais, em sua maioria, encontram-se a mercê de um currículo pronto e com prazos a serem cumpridos. As histórias que chegam aos alunos em sala, na maioria das vezes, são apenas lidas através dos livros, sem que ao menos o professor tenha tido o tempo de preparar essa leitura antes da aula.

Quando a questão é contar histórias de memórias, o problema se torna um pouco mais grave, pois, há a necessidade de um tempo para estudar o conto antecipadamente. Pensar uma formação direcionada ao professor se faz extremamente importante para que este profissional entenda o processo de busca e de preparo necessários antes de realizar uma contação de história.

Para contar uma história – seja ela qual for - é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade, das frases, dos nomes [...]. Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção [...]. Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras [...]. Contar histórias é uma arte [...] e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é remotamente



declamação ou teatro [...]. Ela é o uso simples e harmônico da voz. (ABRAMOVICH 1989, p. 18).

As narrativas orais permitem o encontro entre o velho e o novo possibilitando aprendizagem para o ouvinte e também para quem conta. Bosi (2003) diz que “a memória oral é fecunda quando exerce a função de intermediário cultural entre gerações”. Desde os primórdios, as narrativas concebem uma relação entre o narrador/contador com a história narrada, pois uma história só passa realmente a existir no plano da oralidade quando quem decide contá-la estabelece uma relação com ela. Daí a importância do processo de formação do professor para desempenhar a tarefa de contribuir com o desenvolvimento da oralidade dos seus alunos.

Vale salientar que a formação e “auto formação” do professor é igualmente premissa fundamental para que o mesmo possa formar seus alunos. Sendo assim, valorizar a própria cultura, os valores próprios enquanto comunidade, passa a ser um aspecto importante no processo de ensino aprendizagem, como diz Freire (2021, p. 44-46):

Quando o ser humano pretende imitar outrem, já não é ele mesmo. Assim também a imitação servil de outras culturas produz uma sociedade alienada ou sociedade-objeto. Quanto mais alguém quer ser outro, tanto menos ele é ele mesmo. (...) A sociedade alienada não conhece a si mesma; é imatura, tem comportamento exemplarista, trata de conhecer a realidade por diagnósticos estrangeiros.

Como se percebe, ser “ele mesmo” significa ser pessoa e profissional fincados no chão da realidade que o circunda. A formação do educador deve proporcionar o fomento à cultura e a valorização dos antepassados, sendo profissionais conscientes reconhecendo o quanto aqueles que vieram antes contribuíram e continuam contribuindo com a construção da história do presente e do futuro. De acordo com Freire 2021 p. 47-54:

O velho e o novo têm valor na medida em que são válidos. Ou se dirige a sociedade para ontem ou para o amanhã que se anuncia hoje[...]. Face ao novo, não repele o velho por ser velho, nem aceita o novo por ser novo, mas aceita-os na medida em que são válidos.

METODOLOGIA, RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Projeto Memórias do Compra Fiado tem como objetivo principal visitar e salvaguardar as memórias e as histórias vividas pelos moradores da comunidade Vila Compra Fiado, Brejo Santo-CE. Dentro desse projeto, pretende-se promover a formação continuada dos professores da comunidade. Além disso, busca incentivar o protagonismo das crianças, dos jovens do lugar e da população em geral, a fim de promover o fomento à leitura e uma educação verdadeiramente emancipatória.

Trazer a possibilidade de dar voz e senso de responsabilidade e cidadania às pessoas que fazem parte do território. É inculcar e ampliar a ideia de que a "minha ação envolve os demais que estão em volta". Outro intuito do Projeto é promover palestras educativas, rodas de histórias com os narradores tradicionais, momentos de escuta e partilha entre todos os moradores. É proporcionar aos educandos a construção da identidade cultural valorizando suas raízes, o seu lugar de origem.

Figura 1: Apresentação das atividades e dos cuidados referentes a “Casinha de Livros” da comunidade.



Fonte: Sandra Sousa, 2022

A ideia é levar os professores a um encontro consigo mesmo, com suas raízes ancestrais para a partir de então, conscientes de quem são, poderem promover uma educação equitativa e de qualidade. Há uma grande relevância no desenvolvimento de ações formativas envolvendo professores.

Para Freire (1996), o processo de formação de professores é mais que um treinamento para realizar tarefas. Na verdade, é o momento em que o professor se prepara de forma ética e científica para exercer um ato eminentemente político. É o momento da superação de uma visão ingênua por uma visão epistemológica, reconhecendo o valor da sensibilidade e das emoções, entendendo que o educando é um sujeito que produz conhecimentos e saberes.

Dentro dessa perspectiva, vem sendo desenvolvida no território da pesquisa, atividades como palestras, contação de histórias, oficinas educativas e outras atividades de fomento a cultura. Pois “[...] quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado.” (FREIRE, 1996, p. 23).

Considera-se relevante que o professor entenda como acontece o processo de desenvolvimento da aprendizagem do aluno e os níveis cognitivos necessários a ser alcançados em cada em cada faixa etária. Porém, nem sempre a teoria, apresentada nos livros e nas variadas formas de pesquisas registradas, dão conta de esclarecer para os professores todas as

dificuldades de aprendizagens apresentadas pelos alunos no espaço da sala de aula. Até por que, o ser humano aprende de diferentes formas e é repleto de singularidades.

Figura 2: Roda de histórias com a participação de narradores convidados e os narradores da comunidade.



Fonte: Sandra Sousa, 2022

Entretanto, ainda existem os casos que são mais complexos e necessitam da sensibilidade do profissional da educação para que o mesmo possa contribuir significativamente com o educando. A palestra *Seja Nota 10 na Vida* teve como objetivo levar os professores a pensarem de forma sensível em cada aluno e em suas particularidades quanto ao desenvolvimento da aprendizagem. Contou ainda com a participação de todos os moradores da comunidade, inclusive dos alunos que tiveram a oportunidade de refletir sobre suas próprias dificuldades através do depoimento do palestrante Leonardo Fleming. Os participantes puderam ainda, pensar sobre sonhos e possibilidades de transformação de vida, independente das barreiras encontradas na sala de aula. Um momento de ricas partilhas de conhecimentos.

Uma educação empreendedora só se faz com pessoas sonhadoras, com pessoas que tenham como sonho a transformação dos meios para alcançar o idealizado, que acreditem em seus talentos, que desenvolvam suas competências, que aprimorem habilidades [...]. (FREIRE, 2011, p. 17)

As rodas de histórias, assim como os famosos círculos de cultura do escritor Paulo Freire, proporcionaram debates cujos os temas vinham entrelaçados nas histórias contadas pelos moradores da comunidade e pelas narradoras de histórias que visitaram a comunidade. Assim, o conhecimento foi se consolidando em meio as trocas

Quanto mais me capacito como profissional, quanto mais sistematizo minhas experiências, quanto mais me utilizo do patrimônio cultural, que é patrimônio de todos e ao qual todos devem servir, mais aumenta minha responsabilidade com os homens. (FREIRE, 2021, p. 42)

A presença dos “guardiões das memórias/histórias” da comunidade e outras atividades envolvendo a temática, tem como objetivo, despertar em todos os envolvidos uma imersão no universo das histórias, especialmente nos professores. Também é objetivo desta pesquisa, fazer



com que os participantes se sintam desejosos de adaptar e realizar ações na mesma perspectiva com os seus alunos em sala de aula. Assim, as histórias chegarão à escola de forma significativa, contribuindo com o processo de construção da identidade cultural das crianças e jovens dessa localidade.

Além disso, pretendemos despertar nos alunos e professores a importância de conhecer as suas raízes culturais, históricas e a noção de pertencimento ao seu território de origem. A oralidade é parte vital e orgânica da cultura popular, as crianças chegam à escola com experiências ricas de sua cultura oral, cultura essa que favorece e serve de base para a construção de sua aprendizagem. Preparar os professores para fortalecer ainda mais essas experiências, pode tornar não só as aulas mais interessantes ao aluno, como também a escola como um todo.

O pensador Kiko Tozatti afirma que: “Só se sabe para onde vai, quando se lembra de onde veio. Quem esquece de suas origens, está arriscando se perder no caminho”. A ligação entre o contexto comunitário que o aluno está inserido e as experiências da escola, pode proporcionar ganhos extraordinários no aprendizado dos mesmos.

Quanto à classificação tipológica, este trabalho pode ser descrito como uma pesquisa social na sala de aula, nas palavras de Bortoni-Ricardo (2008). Isto por que, segundo a autora, as pesquisas realizadas no campo da educação quase sempre desembocam na análise de uma situação problema comum à sociedade e não somente a casos isolados. Assim, este projeto lida com o trato didático-pedagógico de atividades com a oralidade nas séries iniciais do ensino fundamental, procurando assim traçar uma reflexão sobre uma problemática ampla, socialmente falando. As propostas desse tipo de análise desembocam, por sua vez, numa solução da problemática através de um viés social: as proposições serão úteis para toda a sociedade.

Por outro lado, o projeto aqui delineado, também se enquadra no campo das pesquisas-ação. Para Thiollent (2008), esse tipo de pesquisa não se limita apenas à reflexão teórica, perpassando para uma abordagem mais prática e interventiva. Assim, para o autor, toda e qualquer pesquisa que busca uma proposição prática e útil pode ser classificada como uma pesquisa-ação ou, pelo menos, pode originar uma futura intervenção prática a partir das análises e questionamento elencados.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta investigação que foi refletir sobre as relações existentes entre histórias orais, a identidade cultural e como esses entrelaçamentos podem corroborar com o processo de



formação de professores que trabalham com os alunos da comunidade Compra Fiado em Brejo Santo, Ceará. Percebemos, a partir das leituras que, as narrativas orais proporciona o encontro geracional. É por meio da memória que os jovens podem ouvir dos mais velhos, as histórias que mantêm viva a tradição, a identidade daquele povo, daquele lugar. Nesse contexto, a escola tem um papel preponderante para que as crianças e jovens conheçam as suas raízes histórico-culturais e possam ter a noção de pertencimento ao seu território de origem. A pesquisa apontou que a escola desconhece o potencial da oralidade e não faz uso dela, sobretudo em sala de aula.

Acreditamos que a oralidade não é priorizada pelos professores por vários motivos, a saber: falta de tempo, para concluir o calendário letivo; deficiência na formação acadêmica que não estimula o trabalho com a oralidade; por comodismo ao sistema tradicional de ensino que prioriza o trabalho com a escrita em detrimento da expressividade oral; resistência aos novos modelos de atividades pedagógicas.

No entanto, proporcionar formações que permitam os docentes vivenciarem um processo de imersão em meio ao conteúdo considerado importante e necessário, pode proporcionar uma mudança do quadro atual.

4. REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BOSI, Ecléa. (2003). **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2011.
- GOIS, Siane. LEAL, Telma Ferraz. (Org.) **A oralidade na escola: a investigação do trabalho docente como foco de reflexão**. Belo horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- NEGREIROS, Gil e BOAS, Gislaine Vilas. **A oralidade na escola: um percurso a ser trilhado**, 2017.
- RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.
- RODRIGUES, Lucas de Oliveira. Identidade cultural. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/identidade-cultural.htm>. Acesso em 03 de outubro de 2021.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2008.